

# O RESGATE DA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA ATRAVÉS DO CABELO E MAQUIAGEM

Francinara Miranda Godinho<sup>1</sup>

Fernanda Schlinz Larcher<sup>2</sup>

Vivian da Silva Montagnana<sup>3</sup>

## Resumo

O conceito de identidade pode ser observado como algo dinâmico, que vive em um constante processo e manifesta-se através da consciência da diferença. As pinturas corporais, penteados e maquiagem adquirem, dentro de grupos culturais específicos, sentidos distintos para quem os adota e significados diferenciados de uma cultura para outra. O cabelo e a pele se tornaram uma forma amplamente utilizada como critério de classificação racial. Deste modo, a intervenção no cabelo e no corpo se torna algo muito maior que uma questão somente de vaidade estética, transformando-se em algo identitário. Com o passar dos anos, os tratamentos químicos ganharam força e alcançaram grande parte das mulheres com cabelos étnicos. Atualmente, há no Brasil uma tendência conhecida como “Transição Capilar”, onde as mulheres não aceitam mais terem seus cabelos alterados pelo alisamento e muitas que já se submeteram a alteração química, optam por retornar ao cabelo natural. Neste contexto, a maquiagem também tem sido utilizada como forma de expressão da identidade negra. Sendo a pele negra caracterizada por traços pouco finos ou delicados, a maquiagem antes utilizada para disfarçar tais traços, hoje não requer mais disfarces. Este estudo tem o objetivo de abordar, através de uma revisão bibliográfica as temáticas relacionadas à importância do resgate da identidade da mulher negra. Neste sentido, conclui-se uma busca pela “volta às raízes”, que encontra através do cabelo e maquiagem uma forma de valorização e resgate da autoestima da beleza negra.

Palavras-chave: Cabelo. Maquiagem. Mulher negra.

---

<sup>1</sup>GODINHO, Francinara Miranda. Graduada em Estética e Cosmética na Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO/ Juiz de Fora, MG.

<sup>2</sup>LARCHER, Fernanda Schlinz. Esteticista. Especialista em Psicopedagogia. Docente do curso de Estética na Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO/ Juiz de Fora, MG.

<sup>3</sup>MONTAGNANA, Vivian da Silva. Esteticista. Especialista em Acupuntura. Docente do curso de Estética na Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO/ Juiz de Fora, MG.

## 1 Introdução

Ao analisar o conceito de identidade, pode ser observado algo dinâmico, que vive em um constante processo permanentemente inacabado, que se manifesta através da consciência da diferença. Assim, a identidade é sempre construída em um processo de interação e de diálogo que estabelecemos com os outros. (FERNANDES; SOUZA, 2016). Segundo Hallawell (2009):

“A identidade começa a ser definida por volta dos dois anos de idade, quando a criança começa a perceber que é separada de tudo que está à sua volta e que tem um corpo que é só seu, um nome, um sexo, e um rosto que reconhece no espelho.”

Deste modo, o corpo se torna uma evidência das percepções e dos diferentes padrões estéticos do mundo. Pinturas corporais, penteados e maquiagem adquirem, dentro de grupos culturais específicos, sentidos distintos para quem os adota e significados diferenciados de uma cultura para outra (GOMES, 2002).

De acordo com Fernandes e Souza (2016), socialmente, o corpo negro é inscrito como marca de identidade. Sendo assim, ao falarmos sobre a identidade negra, inevitavelmente, nos aproximamos da necessidade de discutir sobre como o cabelo e a maquiagem são utilizados como forma de expressar tal identidade.

Para a mulher negra, o cabelo crespo carrega significados culturais, políticos e sociais importantes e específicos que os classificam e os localizam dentro de um grupo étnico/racial. Do ponto de vista social, o cabelo está associado à juventude e beleza e possui além do apelo estético, grande importância devido a sua capacidade de reforçar a autoestima (NAKANO, 2006).

Ao falar de cabelo e maquiagem, é impossível não abordar a autoestima. De acordo com Espíndola e Torres 2015, a autoestima caracteriza-se pela forma de entender como nos sentimos acerca de nós mesmo e com os outros, sendo algo que afeta crucialmente todos os aspectos da experiência de vida. Neste contexto, a auto-imagem surge da interação da pessoa com seu contexto social, consequência de relações estabelecidas com os outros e para consigo mesmo. Sendo assim, todo ser humano tem necessidade de valorização positiva, ou autoestima positiva, e esta é aprendida mediante a interiorização ou introjeção das experiências de valorização realizadas pelos outros (MOSQUERA E STOBBAUS, 2006).

A associação entre beleza e autoestima não se trata de algo recente, durante o sistema de escravidão na América, os negros não eram remanejados para suas tarefas apenas pelas

suas habilidades, mas também pela aparência que apresentavam. Os escravos de pele mais clara e cabelos menos crespos eram destinados para trabalhos mais leves, o que levava aos próprios negros que possuíam pele mais escura e cabelo mais crespo e volumoso a se sentirem menos atraentes, menos inteligentes e de menor valor (ARAÚJO, 2012 pag. 119).

Para Ribeiro e Vale (2012), a depreciação estética e cultural associada ao argumento de inferioridade da raça negra foram as justificativas utilizadas também pelos europeus que se consideraram belos e superiores, e dominaram e escravizaram africanos e afrodescendentes. Como o belo existe por comparação e contraposição ao feio, foi vetada ao negro a possibilidade de ser belo. Para Adriani (2007), as características físicas e origens étnicas são discriminadas socialmente, e percebe-se que tais características físicas do negro como cabelo crespo, pele escura, lábios carnudos dentre outros, não são considerados padrões sociais de beleza. Essas significações sociais criam desde a infância sentimentos de vergonha do próprio corpo, desejo de não possuí-lo, de livrar-se dele e de negá-lo.

Nessa perspectiva, Nilma (2012) afirma que nos dias atuais a desigualdade racial gera um conflito que se inicia ao definir o cabelo negro como “ruim” e do branco como “bom”. O cabelo e a pele se tornaram uma forma amplamente utilizada como critério de classificação racial. Deste modo, a intervenção no cabelo e no corpo se torna algo muito maior que uma questão somente de vaidade estética, transformando-se em algo identitário: a beleza negra.

Este estudo tem o objetivo de abordar sobre as temáticas relacionadas à importância do resgate da identidade da mulher negra, principalmente no que diz respeito ao uso da maquiagem e a forma de uso do cabelo.

## **2 Metodologia**

Para a fundamentação desse trabalho utilizou-se o método exploratório e descritivo através de uma revisão da literatura onde se buscou referências em livros sobre cabelo, maquiagem, teoria das cores, visagismo, e imagem pessoal. Realizou-se um levantamento bibliográfico em periódicos e bases de dados em sites com cientificidade comprovada, tais como: SciELO, LILACS e Google Acadêmico, limitando-se aos últimos 16 anos datados entre 2000 a 2016.

## **3 Desenvolvimento**

Não há um consenso internacional quanto à classificação do que é pele negra. Portanto, o sistema mais utilizado é a classificação de Fitzpatrick, que define os fototipos IV,

V e VI para as gradações de cores da pele escura que raramente ou nunca queimam pelo sol e bronzeiam facilmente. Vale ressaltar, que este sistema nunca pretendeu definir a etnicidade, sendo apenas uma forma de classificar as diversas tonalidades das cores da pele (ALCHORNE; ABREU, 2008).

Segundo Batistela et al (2007), a diferença mais importante e aparente entre as raças é a pigmentação. Na pele negra, os melanossomas estão dispersos individualmente no citoplasma dos queratinócitos e apresentam tamanho maior, não sendo degradados e chegando intactos à camada córnea. Essa característica torna a pele mais protegida quanto aos raios solares. Outra notável diferença refere-se a maior presença de glândulas sudoríparas e vasos sanguíneos, o que gera maior possibilidade de hiperpigmentação. Apesar de não apresentar maior número quando comparada a pele branca, as glândulas sebáceas são maiores e produzem maior quantidade de sebo na pele negra. Observa-se ainda, que a pele negra possui maior possibilidade de formação de quelóide. Isso se deve ao fato dos fibroblastos dessa pele se apresentarem maiores, em maior número e hiperativos (ALCHORNE; ABREU, 2008).

Por muitos anos, os produtos cosméticos eram formulados para o mercado em geral, e baseavam-se nos consumidores de pele branca. Apesar dos tipos de pele parecerem semelhantes do ponto de vista anatômico, funcional e bioquímico, é necessário levar em consideração as características fisiológicas próprias da pele negra. Nos últimos anos, as linhas de formulações para consumidores étnicos passaram a ter mais opções, porém ainda não é o suficiente para atender esse mercado (BATISTELA ET AL, 2007). É o que acontece com os produtos para maquiagem e cabelo étnicos. Em seu estudo, Gross (2014) afirma que os fabricantes ainda não haviam percebido o potencial de consumo da classe média negra, porém devido aos movimentos negros, este público conquistou visibilidade e vem se tornando um grupo com poder de compra e mercado que tem gerado mais interesse por parte dos fabricantes, que começaram a oferecer produtos específicos para este tipo de pele como hidratantes, sabonetes, desodorantes e tratamentos capilares.

Segundo Santos (2000), a maquiagem para a pele negra deve ser específica para este tipo de pele devido as suas características próprias, o que garantirá naturalidade após ser maquiada, destacando toda beleza necessária. Para que isso ocorra, é importante que a maquiagem não fuja ao tom que a pele negra apresenta, e que os olhos e boca fiquem em evidência, ao contrário do se que imaginava, as cores fortes devem ser utilizadas para valorização dessa pele.

Nos Estados Unidos, negro é todo aquele que tem um ancestral negro, independente do tom da pele, já no Brasil levam-se em conta a cor da pele e a aparência física, não a

ancestralidade. Sendo assim, devido ao alto grau de miscigenação da população brasileira, há pouca precisão em identificar quem pode ser chamado de negro, prevalecendo para fins estatísticos o critério da autodeclaração. A população brasileira está dividida em: brancos, pretos, pardos, amarelos e indígenas (ALCHORNE; ABREU, 2008).

Quanto a classificação do cabelo de acordo com Nakano (2006), este pode ser classificado genericamente em três grandes grupos: caucasiano, oriental (ou mongóis) e afro-americano (negros). Ainda, o cabelo negro pode ser subdividido em três tipos: negroide, crespo e cacheado. Em nível de ondulação, o cabelo negroide também chamado de supercrespo, apresenta formato extremamente elíptico, o crespo possui uma forma muito elíptica enquanto o cacheado apresenta uma forma intermediária. O fio negro, de modo geral, é mais crespo, denso, rebelde, sensível e quebradiço que outros tipos de cabelo, o que limita as possibilidades de cortes e penteados (BIONDO, 2009, pag. 70).

As experiências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo. As tranças podem ser citadas como as primeiras técnicas de penteados utilizadas na infância. (GOMES, 2012). De acordo com Biondo e Donati (2009), a trança nagô é o tipo mais utilizado, caracterizada por seu trançado rente ao couro cabeludo até a nuca com diferentes desenhos. As tranças rastafáris, outro tipo de trançado, caracterizam-se por serem soltas no couro cabeludo, ao contrário da nagô.

A capacidade simbólica do cabelo afro teve um papel marcante em diversos momentos históricos, como por exemplo, a década de 60 e 70 com o black power e a volta dos dreads sob influência do rastafári. “Black is beautiful” virou estilo de moda e forma de protesto. Os cabelos deixaram de ser armados pelo laquê para se armar no crespo natural, dando lugar ao estilo afro de cabelos armados e muito volumosos (VITA, 2008. pág 140).

Com o passar dos anos, os tratamentos químicos ganharam força e alcançaram grande parte das mulheres com cabelos étnicos. O tracionamento constante do pente gerando “puxões” para desembaraçar os cabelos foi uma das queixas mais comuns que estimularam essas mulheres a se tornarem adeptas deste processo químico (GOMES, 2002).

Quanto a estes tratamentos, os mais utilizados são o relaxamento e o alisamento, sendo que o relaxamento reduz o volume dos cabelos tornando-os somente ondulados, enquanto o alisamento o torna totalmente liso. Um dos problemas encontrados nos alisamentos dos cabelos extremamente enrolados deve-se ao fato de normalmente quebrarem devido à força física necessária para alisá-los (HALAL, 2011 pág 218). Para Mizrahi (2015), o cabelo encaracolado seria o perfil ideal e é chamado pela autora como ambíguo, por se tratar de um cabelo que não é liso nem crespo, demonstrando assim, um desejo de desfazer uma identidade

negra fixa ao abandonar o afro e ao mesmo tempo afasta-se da preferência ao liso, que é um característica da raça branca.

Um dos locais onde as mulheres buscam cuidados específicos para seu tipo de pele e cabelo são os salões de belezas denominados “salões étnicos”. Esses estabelecimentos muitas vezes desempenham o papel de “restaurar importantes elos entre o negro e a sua autoestima” e são vistos com orgulho na atualidade (GOMES, 2008, p. 32). Nestes espaços encontram-se esteticistas, maquiadores e cabeleireiros que trabalham diretamente com a imagem pessoal. Tais profissionais têm a capacidade de proporcionar efeitos benéficos ou maléficos sobre a autoestima das pessoas e deste modo, pode-se concluir que são capazes de afetar psicologicamente seus clientes (HALLAWEL, 2009, pág. 29).

Em um contexto histórico, estes estabelecimentos se popularizaram após a década de 70 devido ao efeito dos movimentos sociais e nas décadas de 80 e 90 tornaram-se mais divulgados e visíveis. Na atualidade, estes locais que antes eram vistos socialmente como estigma de vergonha transformaram-se em símbolo de orgulho e passaram a serem considerados espaços para pensar sobre várias questões que envolvem a vida dos negros e ajudam a refletir um pouco mais sobre a complexidade e os conflitos da identidade negra (GOMES, 2002).

Atualmente, há no Brasil uma tendência conhecida como “Transição Capilar”, onde as mulheres não aceitam mais terem seus cabelos alterados pelo alisamento e muitas que já se submeteram a alteração química, optam por retornar ao cabelo natural. A imagem do cabelo natural passou a ser reverenciada como aquela que se contrapõe ao cabelo liso. Sendo assim, o cabelo crespo gerou certo ativismo no sentido de reafirmação da identidade negra (SANTOS, 2015).

Nesse sentido, Fernandes e Souza (2016) sugerem que a reconstrução do “ser negro” passa por um processo de conscientização e valorização da negritude e reestruturação da sua identidade.

A maquiagem também se tornou um artifício para a melhoria da imagem pessoal, pois apresenta poder de transformação gerando bem estar e elevando a autoestima e autoconfiança das mulheres. Não é necessário transformar a aparência por completo, é preciso que a pessoa sinta-se bem. Para fazer uma maquiagem é preciso entender a composição das cores da pele e a teoria das cores, e através deste conhecimento aplica-lo selecionando assim as cores para cada pessoa de acordo com a cor da pele, cor dos olhos e a cor do cabelo (ESPÍNDOLA E TORRES, 2016).

Neste contexto, a maquiagem tem sido utilizada como forma de expressão da identidade negra. Sendo a pele negra caracterizada por traços pouco finos ou delicados, a maquiagem poderá suavizá-lo, mas não deverá alterá-los, e áreas como o nariz que se apresentam largas e lábios proeminentes são características que definem tal raça e não requerem mais disfarces. O viço e brilho característicos da pele negra devem ser aproveitados a favor da maquiagem, e não mais disfarçados com outros produtos (MOLINOS, 2003).

Além dos produtos cosméticos criados para este tipo de pele começam a surgir no mercado cursos de maquiagem especializados para atender a este público, bem como revistas que abordam diretamente o tema, como é o caso da revista “Raça”. Segundo Santos (2009), além da valorização da beleza negra através de matérias sobre o cabelo, a revista Raça Brasil também publica dicas de maquiagem, dicas de moda, entrevistas com personalidades negras, biografias de homens e mulheres negros que tiveram ascensão social e discussões sobre temas polêmicos de interesse étnico. Desta forma, a criação da revista se tornou um estopim para a valorização e resgate da autoestima daqueles que tinham dúvidas quanto a sua identidade negra.

Observa-se ainda, a utilização de modelos negras na capa de outras revistas já consolidadas no mercado, como por exemplo “Cláudia” e “Marie Claire” (COUTINHO, 2011).

Diante do que foi destacado até o momento, observa-se que no momento atual, há uma reconstrução do “ser negro” e um crescente sentimento de renascimento dos valores étnicos e uma busca por maneiras de expressar tais sentimentos.

#### **4 Conclusão**

Muito tem se falado sobre as questões raciais no país. Principalmente nas últimas décadas, nota-se uma crescente descaracterização do contexto cultural anteriormente enraizado no que diz respeito à beleza negra. Por vários anos a mulher negra ainda se sujeitava às regras e opressões sociais em relação aos estereótipos impostos pela cultura branca. Neste sentido, observa-se uma busca pela “volta às raízes”, que encontra através do cabelo e maquiagem uma forma de valorização e resgate da autoestima.

Este trabalho procurou tratar sobre o resgate da identidade negra através do cabelo e maquiagem por meio de uma revisão da literatura. Apesar de a temática identidade negra ser discutida por muitos autores, ainda há poucos estudos em relação ao cabelo e a maquiagem

como forma de expressão desta identidade. Sendo assim, ainda se fazem necessários mais estudos nesta área.

## 5 Referências

ADRIANI, Ana Gabriela Pedrosa. A cor da pele: significações constituídas nas relações. **Pisc. Rev.** São Paulo, Vol 16, nº1 e nº2, 181-196, 2007. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/18064>> Acesso em: 16 agost. 2017.

ALCHORNE, Mauricio Mota de Avelar; ABREU, Marilda Aparecida Milanez Morgado. Dermatologia em pele negra. **An Bras Dermatol**, v. 83, n.1, pag.7-20, 2008. Disponível em:< <http://www.repositorio.unifesp.br/handle/11600/4192>>. Acesso em: Acesso em: 07 de jun. 2017.

BATISTELA, Mônica Antune; CHORILLI, Marlus; LEONARDI, Gislane Ricci **Abordagens no estudo do envelhecimento cutâneo em diferentes etnias.** Rev. Bras. Farm., 88(2): 59-62, 2007.

BIONDO, Sonia; DONATI, Bruno. **Cabelo: cuidados básicos, técnicas de corte, coloração e embelezamento.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Senac, 2009.

COUTINHO, Cassi Ladi Reis. A Estética e o Mercado Produtor-Consumidor de Beleza e Cultura. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH** . São Paulo, jul. 2011. Disponível em:< [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300661828\\_ARQUIVO\\_AEsteticaeoMercadoProdutor-ANPUH11-2.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300661828_ARQUIVO_AEsteticaeoMercadoProdutor-ANPUH11-2.pdf)>. Acesso em 08 de jun. 2017.

ESPÍNDOLA, Crenilda; TORRES, Sarah Thais de Sá. Influência da massagem associada à maquiagem na qualidade de vida no pós-parto. **Revista Brasileira de Estética.** Vol 3, nº4, 2015.

FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecilia Cortez Christiano de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 63, abril, p. 103-120, 2016. Disponível em< <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/114868/112595>>. Acesso em: 07 de jun. 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e Cabelo Como Símbolos da Identidade Negra.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002. Disponível em:< <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>> . Acesso em: 07 de jun. 2017

GOMES, Nilma Limo. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? . **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, set/out/nov/dez, 2002. Disponível em<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf>>. Acesso em: 07 de jun. 2017

GOMES, Nilma Limo. **Sem perde a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GROSS, Daniele. Raça Identificada: **A Quebra da Invisibilidade Negra**. Rev. FIAMFAAM, v.2, nº2, 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/226>. Acesso em: 16 de agost. 2017.

HALAL, John. **Tricologia e a química com ética capilar**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

HALLAWEL, Philip. **Visagismo integrado: identidade, estilo e beleza**. São Paulo: Senac. São Paulo, 2009.

MIZRAHI, Mylene. CABELOS AMBÍGUOS Beleza, poder de compra e “raça” no Brasil urbano. **Revista Brasileira de Ciência Sociais**, v. 30, n. 89, out. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v30n89/0102-6909-rbcsoc-30-89-0031.pdf> >. Acesso em: 07 de jun. 2017

MOLINOS, Duda. **Maquiagem**. 6ª ed. São Paulo: Senac. São Paulo, 2003.

MOSQUERA, Juan José Mourinõ; STOBAUS, Claus Dieter. **Autoimagem, Autoestima e Auto realização: Qualidade de vida na Universidade**. Revista de Psicologia, Saúde & Doenças. 7 (1), 83-88, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-00862006000100006](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862006000100006)>. Acesso em: 16 agost. 2017.

NAKANO, Adelino Kaoni; JOEKES, Inés. **Comparação de danos induzidos em cabelos de três etnias por diferentes tratamentos**. 2006. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado. Instituto de Química, Unicamp. Disponível em: <http://biq.iqm.unicamp.br/arquivos/teses/vtIs000413448.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2017.

RIBEIRO, Listhiane Pereira; VALE, Zoé Margarida Chaves. Um olhar sociopsicodramático sobre as concepções de beleza em famílias negras. **Revista Brasileira de Psicodrama**. v. 20, n1, 2012.

SANTOS, Leandro José dos. Apontamentos sobre a identidade mediada em Raça Brasil: fragmentos de uma imprensa negra. **Revista Urutágua-** acadêmica multidisciplinar, n.19, set/out/nov./dez. 2009. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/view/6029/4612>>. Acesso em: 08 de jun. 2017.

SANTOS, Jocélio Teles dos. O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. **Estud. afro-asiát**, n.38. Rio de Janeiro. Dec. 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-546X2000000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2000000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 07 de jun. 2017

SANTOS, Nádia Regina Braga. **Do black power ao cabelo crespo: a construção da identidade negra através do cabelo**, 2015. Disponível em: [http://200.144.182.130/celacc/sites/default/files/media/tcc/artigo\\_nadia.pdf](http://200.144.182.130/celacc/sites/default/files/media/tcc/artigo_nadia.pdf). Acesso em: 07 de jun. 2017

VITA, Ana Carlota Regis. **História da maquiagem, da cosmética e do penteado: em busca da perfeição**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2008.

